



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação
Comunicação Oral

A IMPLEMENTAÇÃO DA BASE DE DADOS DO MUSEU DO ÍNDIO¹

THE IMPLEMENTATION OF THE INDIAN MUSEUM OF DATABASE

Rodrigo Piquet, Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio
rodrigopiquetuff@hotmail.com

Ione Couto, Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio
patrimonio.cultural@museudoindio.gov.br

Andrea Pires, Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio
andreamaiam@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta a discussão da utilização da base de dados PHL - *Personal Home Library* no Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio (MI/FUNAI). O objetivo foi descrever a implementação do PHL no âmbito do Museu do Índio e visualizar as diferenças nos campos do formulário do PHL original, com o formulário da base de dados modificado para atender às especificidades do acervo do MI. Algumas discussões conceituais sobre documentação museológica, definição de tesouro e base de dados, além de reflexões para a compreensão do paradigma informacional no contexto museológico serão apresentados. Como procedimento metodológico foi utilizado o estudo de caso, com enfoque na análise comparativa das versões da base de dados utilizada no Museu do Índio. Os campos do PHL original e os utilizados atualmente no formulário do Museu do Índio são contabilizados a fim de identificar quantas e quais foram as adaptações realizadas na base de dados PHL para atender às especificidades do acervo museológico da instituição. Como resultados foram encontradas mudanças significativas na customização no atual formulário utilizado para a documentação do acervo das peças etnográficas que compõem o acervo do Museu do Índio. Portanto, a instituição revelou esforços no sentido de construir novas metodologias de descrição da documentação museológica em instituições desta natureza, possibilitando novos caminhos a serem trilhados por museus que possuem este tipo de acervo.

Palavras-chave: Museu do Índio. Museologia. Documentação museológica. Base de Dados.

Abstract: The paper presents a discussion of data base using PHL - *Personal Home Library* at the Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio (MI/FUNAI). The objective was to describe the implementation of PHL under the Museu do Índio and measure the differences in the form fields from

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

the original PHL with the form of the database modified to fit the characteristics of the collection of MI. Some conceptual discussions on museum documentation, definition and thesaurus database, and reflections for understanding the informational paradigm in museological context will be presented. Methodological procedure as the case study was used, with a focus on comparative analysis of versions of the database used in the Museu do Índio. Fields original PHL and currently used in the form of the Museu do Índio are recorded in order to identify how many and what were the adjustments made on the basis of PHL data to meet the specifics of the museum collection of the institution. As a result, significant changes were found in the customization in the current form used for the museum collection of ethnographic pieces that make up the collection of the Museu do Índio documentation. Therefore, the institution revealed efforts to build new methodologies description of museum documentation in institutions of this kind, enabling new routes to be followed by museums that hold this type of collection.

Keywords: Museu do Índio. Museology. Museology documentation. Database.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo proporcionou aos diversos espaços museológicos novas possibilidades e grandes desafios na gestão, no acesso e na divulgação dos acervos das instituições. Dentre tais possibilidades podem ser incluídas a criação de sistemas informatizados para catalogação e gestão dos acervos museológicos. Neste contexto, está em funcionamento no Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio (MI/FUNAI), a base de dados PHL – *Personal Home Library*, que tem como objetivo principal disponibilizar os acervos institucionais em ambiente *web*. Dentre os acervos disponíveis, temos o acervo museológico, contribuindo assim para a democratização do acesso à informação nos repositórios institucionais.

Importante mencionar que esta discussão sobre a chamada Era Digital ainda se encontra incipiente. Isto porque novos modelos informacionais foram criados com o objetivo de facilitar a comunicação humana e a velocidade com que se desenvolvem as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Todavia, a dinâmica não acompanha os trabalhos de reflexões. Logo:

Ora, o digital encontra-se no início de sua trajetória. A interconexão mundial de computadores (a extensão do ciberespaço) continua em ritmo acelerado. Discute-se a respeito dos próximos padrões de comunicação multimodal. Tácteis, auditivas, permitindo uma visualização tridimensional interativa, as novas interfaces com o universo dos dados digitais são cada vez mais comuns (LÉVY, 1999, p. 24).

Este estudo de caso tem como objetivo principal analisar a implementação, desenvolvimento e uso do PHL no âmbito do Museu do Índio e apontar as diferenças nos campos do formulário do PHL original com o formulário do PHL customizado para atender às especificidades do MI, além das mudanças relativas na utilização da antiga base de dados

Ortodocs no Museu do Índio. Foram utilizadas as definições conceituais de autores sobre informação em museus, documentação museológica, definição de tesouro e de base de dados a fim de compreender o uso do PHL no MI.

A motivação pela escolha do tema deveu-se a um conjunto de fatores. Inicialmente porque a museóloga Ione Couto participou, na qualidade de servidora do Museu do Índio, tanto da primeira experiência da montagem de um banco de dados para o acervo etnográfico, em 1996, quando o MI implementou o programa Ortodocs, quanto da migração para a nova base de dados, o PHL. Quando do ingresso na instituição em 2007, o também servidor Rodrigo Piquet participou tanto da migração dos dados do acervo fotográfico do Ortodocs para o PHL quanto na discussão com os técnicos da instituição para a customização da planilha destinada aquele acervo. Já Andrea Maia, que em 2013, na qualidade de Consultora de Programação Visual e Processamento Técnico de Imagens Digitais da Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) passou a ter contato perene com o programa para inserção de imagens etnográficas. Na busca por maiores informações sobre o processo que levou o MI a possuir um instrumento de pesquisa, observou a necessidade de refletir, analisar e relatar as mudanças pelas quais a instituição estava passando nos últimos anos na construção da documentação museológica do Museu do Índio. Da experiência de Ione Couto e de Rodrigo Piquet e da vontade de registro expressada por todos, nasceu a vontade de refletir sobre o trabalho realizado no MI.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As referências que serviram como base teórica para a realização deste trabalho tem destaque os autores que pesquisaram sobre os seguintes assuntos: informação em museus, documentação museológica, definição de tesouro e de base de dados.

Para documentação de acervos museológicos, utilizamos como definição:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994, p. 65).

Ainda nesse sentido, é possível afirmar que:

A Informação em Museus situa o encontro entre Ciência da Informação e Museologia, sobretudo e em especial, na informação enfocando, assim, tanto coleções (armazenadas, expostas, representadas e/ou citadas em edições etc.) quanto a elementos e espaços. Ambos se referem às múltiplas disciplinas

que se conectam ao campo sob os efeitos das relações quer das aplicações disciplinares, quer da interdisciplinaridade e, ainda, da multidisciplinaridade, expressando tipologias que, de forma geral, caracterizam os múltiplos modos pelos quais se apresentam os museus. É do processo de identificação descritiva a que são submetidas variadas coleções, elementos e espaços, tanto sob o aspecto formal como da relação contextual agregando numerosas fontes de referência, que se originam os catálogos dos acervos museológicos (LIMA, 2007, p. 6).

Também em Lima (2007, p. 6), “A Documentação Museológica - *Museum Documentation*, sistema de recuperação da informação - é o território comum para o processo de interseção dos dois domínios do conhecimento”.

Neste trabalho foram utilizadas as definições de Souza (2008) devido sua pesquisa sobre a origem da palavra *thesaurus*, quanto por Ferrez e Bianchini (1987) pelo uso que deram à palavra para acervos museológicos, como de Motta (2006) pela elaboração do Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil, sendo que a última contribuiu como referência para a elaboração e construção do formulário da base de dados PHL para o Museu do Índio.

Souza (2008) em seu artigo intitulado “Thesaurus como linguagem de representação da informação” abordou a origem e o significado do termo *thesaurus*, oferecendo uma breve trajetória histórica do desenvolvimento do termo. Sua pesquisa apresenta a origem da palavra tesouro e a diferença deste conceito quando comparado ao do dicionário:

A palavra *Thesaurus* é de origem grega e quer dizer ‘tesouro’. Foi inicialmente usada para designar léxico ou ‘tesouro de palavras’. A palavra *Thesaurus* aparece pela primeira vez no “*Thesaurus of English Words and Phrases*” de autoria de Peter Mark Roget publicado em Londres em 1852. As características e os objetivos próprios desta obra estão destacados em seu subtítulo que exprime com clareza que seu conteúdo consiste de: “palavras classificadas e arranjadas para facilitar a expressão de idéias e para ajudar a composição literária”. Essa definição torna clara a diferença de objetivos dos tradicionais dicionários de língua que partem da palavra para os seus significados (SOUZA, 2008, p. 121).

Souza (2008) ainda caracterizou o tesouro como sendo,

[...] uma linguagem de organização e representação da informação que tem como principais funções: a) mostrar as relações semânticas entre termos em base de significados; b) ser agente de vocabulário controlado; e c) mostrar os termos usados para indexação em sistemas de recuperação da informação (SOUZA, 2008, p. 124).

Souza (2008) ao realizar uma busca seletiva nos anos de 2006 e 2007 no *Library and Information Science Abstracts* (LISA), que é o serviço de indexação de artigos de periódicos e

demais informações nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação revelou diversos campos de aplicação recente do tesouro. Porém, há apenas um exemplo de desenvolvimento de *thesaurus* referente a museus: “desenvolvimento de um *thesaurus* local para implementar o acesso a coleções antropológicas do Museu da História Natural (USA)” (SOUZA, 2008, p. 126).

Em 1987, foi publicado um tesouro para acervos museológicos de autoria das museólogas Maria Helena Santos Bianchini e Helena Dodd Ferrez (1987). A primeira versão deste tesouro foi, apenas, para uso no Museu Histórico Nacional (MHN) no Brasil, porém o documento foi ampliado a fim de atender aos demais museus históricos brasileiros, com o propósito de diminuir as dificuldades que os museus enfrentavam para organizar seus acervos como sistemas de informação. A obra buscava servir aos acervos museológicos, seja sua ficha catalográfica impressa ou informatizada, ao apresentar um sistema consistente para classificação e denominação de artefatos que compõem as coleções brasileiras.

Nessa publicação, as pesquisadoras elaboraram a seguinte definição: “Um *thesaurus* é um conjunto de conceitos ordenados, de modo claro e livre de ambiguidades, a partir do estabelecimento de relações entre os mesmos e que pode ser definido segundo sua função ou estrutura” (FERREZ; BIANCHINI, 1987, p. 15). Na mesma obra, as autoras ampliaram o conceito aplicando-o sobre o objeto museológico quando informam que o tesouro é “um instrumento de controle da terminologia utilizada para designar os documentos/objetos criados pelo homem e existentes nos museus, em particular os de caráter histórico” (FERREZ; BIANCHINI, 1987, p. 17).

No ano de 2006, foi publicado pelo Museu do Índio o “Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil” de autoria da bibliotecária Dilza Motta. Este tesouro foi produzido entre os anos de 2003 e 2004 e segundo a autora tinha por objetivo:

[...] estabelecer uma terminologia padronizada para os artefatos existentes/referidos nos diversos acervos do Museu do Índio (museológico, bibliográfico e arquivístico fotográfico e audiovisual), prestando-se à indexação dos documentos do Museu e ao mesmo tempo, à recuperação da informação contida neste documento (MOTTA, 2006, p. 4).

Motta (2006, p. 4) também apresenta uma definição de *thesaurus* como sendo “um instrumento que se destina à representação dos objetos (via “termo”), e não a sua descrição (via “palavra”)”.

Souza (2008) e Motta (2006) apresentam um ponto comum em suas definições. Ambas afirmam que os tesouros não trabalham com a descrição via palavra, mas partem do seu significado para facilitar a expressão de ideias e para ajudar a composição literária.

Ferrez; Bianchini (1987) e Motta (2006) também possuem pontos em comum sobre o uso do tesouro em museus. As duas primeiras afirmam que o tesouro serve para o “controle da terminologia utilizada para designar os documentos/objetos” (1987, p. 15). Motta, por sua vez, afirma que o tesouro possui uma “terminologia padronizada para os artefatos existentes/referidos nos diversos acervos do Museu do Índio” (1996, p. 4). Ou seja, ambas as autoras demonstram a importância de um tesouro para a constituição de uma documentação padronizada para os acervos museológicos.

A constituição do livro “Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil” colaborou para pensar sobre a base de dados PHL implementada no Museu do Índio. O tesouro foi uma ferramenta importante para que a equipe de museólogos e outros profissionais da instituição pudessem refletir sobre quais seriam os campos mais significativos que deveriam compor esta base de dados². Deste modo, fica a questão: o que seria uma base de dados?

Para responder a esta pergunta foi necessário percorrer alguns artigos no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Para Rowley (1994, p. 66), base de dados pode ser definida como “uma coleção de registros similares entre si e que contém determinadas relações entre esses registros” (1994, p.66). Deste modo, registro é a informação que a base de dados contém e que diz respeito a um documento ou um item. Para Cianconi (1987, p.55), base de dados é “um conjunto de dados inter-relacionados, organizados de forma a permitir a recuperação de informação”.

3 METODOLOGIA

Definido o tema deste trabalho e a sua relevância, torna-se importante informar que seu plano metodológico contou com o levantamento, leitura e análise comparada de conceitos como: informação em museus, documentação museológica, tesouros e base de dados. Para tanto, as fontes consultadas foram: livros, artigos, tesouros, além do estudo das diferentes versões dos manuais da base de dados do PHL, a fim de compreender o seu funcionamento e uso.

Também fizeram parte das fontes bibliográficas utilizadas àquelas que versavam sobre a história do Museu do Índio. Nesta fase, foi utilizado como fonte de pesquisa o *site* da

² Estas informações foram retiradas de pesquisas nos relatórios internos do Museu do Índio/FUNAI organizados pela museóloga Ione Helena Pereira Couto, atual Coordenadora de Patrimônio Cultural da instituição.

instituição, a leitura de relatórios de atividades do MI pertinentes à documentação museológica e, por fim, conversas informais com os servidores envolvidos com a implementação da base de dados PHL, tendo por objetivo dirimir algumas dúvidas sobre as informações apresentadas nos relatórios o que suscitou novas questões:

- O que é a base de dados PHL? e;
- Como o PHL foi implementado no Museu do Índio?

Por fim, foi realizado um levantamento e análise comparativa da planilha original do PHL e o formulário do PHL customizado com as alterações realizadas pelos técnicos do Museu do Índio. Foram identificados, enumerados, contados e comparados às diferenças dos campos dos formulários existentes na base de dados. Observou-se que ocorreram:

- A mudança de termos/conceitos e;
- E a criação de campos.

4 O MUSEU DO ÍNDIO

O Museu do Índio foi oficialmente inaugurado em 19 de abril de 1953, data de comemoração do Dia do Índio Americano. O surgimento da instituição foi um desdobramento das atividades que a então Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que vinha desenvolvendo a documentação dos povos indígenas assistidos pela agência estatal indigenista nos anos de 1940. Como informa Darcy Ribeiro:

O Museu do Índio foi montado, em todos os seus detalhes, com a ambição de suscitar sentimentos de simpatia pelos índios, de solidariedade para com suas dramáticas dificuldades de acomodação ao mundo estranho que levamos cada vez mais perto de suas aldeias, e de compreensão dos seus comoventes esforços para resolver, a seu modo, os problemas essenciais de tôdas as sociedades humanas (RIBEIRO, 1962, p. 169).

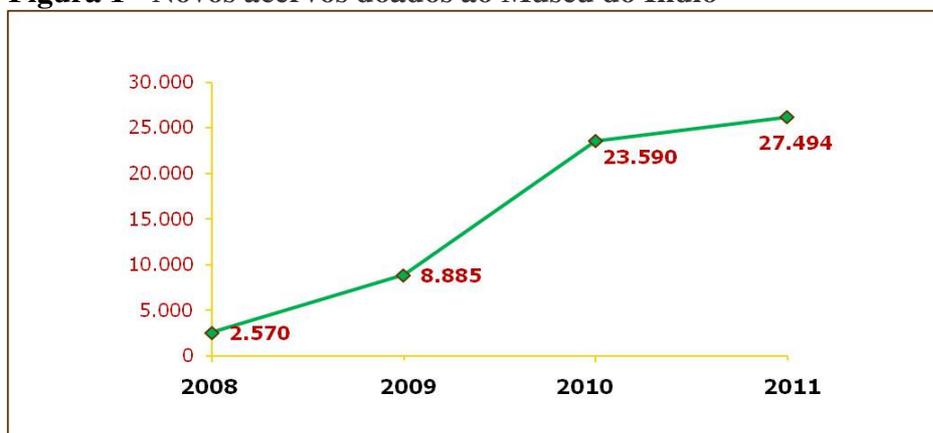
Em 1967, após uma série de problemas organizacionais e denúncias de corrupção, a Ditadura Militar resolveu extinguir o SPI. Em seu lugar foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), na qual o Museu do Índio foi alocado. Na atualidade, o MI é a instituição técnico-científica da FUNAI e tem sob sua guarda a documentação histórica do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI), Fundação Brasil Central (FBC) e da Comissão Rondon (CR), conjuntos documentais sobre a relação do Estado brasileiro para com a maioria dos povos indígenas. Em números absolutos, os acervos são constituídos por: 18.026 peças etnográficas, 19.341 publicações nacionais e estrangeiras especializadas em Etnologia indígena e áreas afins, 76.821 registros audiovisuais e 833.221

documentos arquivísticos de valor histórico³. Soma-se aos acervos mencionados, a documentação contemporânea produzida a partir dos registros realizados no âmbito do Programa de Documentação de Línguas e Culturas indígenas (PROGDOC) desenvolvido pelo Museu do Índio em parceria com a UNESCO e os povos indígenas. Ainda é possível destacar que:

As peculiaridades encontradas em cada um dos povos indígenas e, conseqüentemente, nos acervos culturais do Museu do Índio, representam a diversidade cultural brasileira e a dos próprios povos indígenas. Pela ação realizada hoje na instituição, é possível que muitos povos indígenas possam recontar a sua história, estabelecendo paralelos entre as ações do presente com o passado, construindo assim um futuro melhor para estes povos (MELLO, 2015, p. 16).

O PROGDOC, a partir de 2009, reuniu 27.494 documentos audiovisuais compostos por fotografias e filmes. Todo este material vem sendo tratado e disponibilizado para os povos indígenas. Segue abaixo um gráfico que ilustra o aumento do acervo no Museu do Índio.

Figura 1 - Novos acervos doados ao Museu do Índio



Fonte: <<http://prodoc.museudoindio.gov.br/projetos/acervos>>

A partir da figura acima, é possível verificar que houve um acréscimo na captação de acervos para o Museu do Índio por meio de doações. Com a política adotada nos últimos anos pela instituição, o Museu obteve importantes coleções de pesquisadores relacionados à temática indígena.

Um dos objetivos do Museu do Índio é contribuir para uma maior conscientização sobre a importância das culturas indígenas. Como instituição de preservação e promoção do patrimônio cultural indígena, há o fomento em divulgar a diversidade do seu sujeito

³ Informações obtidas na base de dados PHL. Disponível em: <<http://base2.museudoindio.gov.br>>. Acesso em: 10 de ago. 2015.

museológico. O Museu do Índio, além de abrigar expressivos acervos, conserva, pesquisa, documenta e dissemina as informações contidas em sua documentação, tendo se tornado referência para pesquisadores e interessados na questão indígena e contribuído com significativos avanços para o campo de museus etnográficos brasileiros, alguns administrados pelos próprios índios.⁴, como, por exemplo, o Museu Kuahí, localizado no estado do Amapá.

4.1 A IMPLEMENTAÇÃO DA BASE DE DADOS NO MUSEU DO ÍNDIO

A primeira base de dados utilizada no Museu do Índio foi o *software* brasileiro Ortodocs, implementado no ano de 1996. Inicialmente sua aquisição foi destinada à catalogação e indexação de acervos bibliográficos, iniciando a sua informatização. Com a experiência adquirida na indexação da coleção de livros da Biblioteca Marechal Rondon, iniciativas foram tomadas de modo a expandir a base de dados para os demais acervos institucionais, como os acervos arquivístico e museológico. Para tanto, alguns campos de seu formulário original foram alterados para atender às especificidades dos acervos em questão. Porém, o *software* com o passar do tempo e com as novas demandas de informações mostrou-se ineficaz. Isto porque não foi possível acrescentar novos campos nos formulários existentes. Aliado ao alto custo de manutenção que foi imposto pela empresa que comercializava o *software* a cada customização realizada, visto não se tratar de uma base de dados com código aberto, que permitisse, assim, uma livre customização das planilhas.

Diante da necessidade de ampliar seu sistema de informação e diminuir os custos operacionais com a base de dados, o Museu do Índio, em 2007, substituiu a base de dados Ortodocs pelo PHL. Mas assim, como a primeira, se fizeram necessárias adaptações em sua planilha original para melhor atender às demandas apresentadas pelos serviços técnicos da instituição. Mas o que é o PHL?

O PHL - Personal Home Library, é uma aplicação Web especialmente desenvolvida para administração de coleções e serviços de bibliotecas e centros de informações. Foi concebido como uma alternativa moderna e eficiente às bibliotecas e usuários com poucos recursos (financeiro e de pessoal) e que pretendem organizar suas coleções, automatizar rotinas e serviços e/ou disponibilizar e compartilhar seus catálogos através da Web. O PHL utiliza interface de uso intuitivo, não requerendo de seus usuários nenhum tipo especial de treinamento. O padrão do registro utilizado pelo PHL se baseia no formato UNISIST/Unesco, muito mais simples que os antigos formatos anglo-americanos (MARC, USMARC, UKMARC, UNIMARC, MARC21, etc) e proporciona aos bibliotecários a descrição

⁴ Informações consultadas no site <http://www.museudoindio.org.br/o-museu/apresentacao> Acesso em: 10 de ago. 2015.

eficiente e precisa de qualquer tipo de informação independente de seu suporte (OLIVEIRA, 2009, p. 8).

Neste trabalho, são exploradas duas adaptações realizadas pelos técnicos do Museu do Índio na formatação de seus formulários. A primeira adaptação foi devido ao PHL ter sido desenvolvido para atender prioritariamente aos acervos bibliográficos. Ao ler o manual do PHL 8.2 disponível na página do Museu do Índio⁵ fica claro que a maioria das funções estão voltadas para a rotina e o processamento técnico de livros. Por exemplo, logo na primeira página de apresentação do manual, há o seguinte trecho: “Por onde começar? O acesso à área de serviços é permitido somente a usuários cadastrados na biblioteca e é feito a partir do link [Serviços/Renovação/Reservas] apresentada na página de abertura do PHL@Elysio” (OLIVEIRA, 2009, p. 2). Deste modo, o manual sempre se refere à biblioteca e à catalogação de livros, ou seja, não informa sobre a inserção de objetos museológicos na base de dados.

A inclusão de elementos desta natureza só foi possível devido ao PHL apresentar uma natureza monográfica, ou seja, indexações item a item. Em conversa informal com o servidor Rodrigo Piquet, Chefe do Núcleo de Biblioteca e Arquivo (NUBARQ) do Museu do Índio, só foi possível realizar as adaptações nos formulários disponíveis no PHL para os acervos cuja descrição possui uma concepção monográfica. A não apresentação desta característica no acervo arquivístico, cuja organização se faz por conjuntos documentais, impediu a utilização do PHL como alternativa de base de dados para indexação daqueles itens documentais.

Uma segunda dificuldade foi encontrada pelos técnicos do Serviço de Conservação, responsáveis pelo acervo etnográfico para o uso do PHL. Isso ocorreu durante a migração da base de dados Ortodocs para a PHL, devido à incompatibilidade dos campos existentes no primeiro quando comparado ao segundo, já que havia a necessidade de incorporar novos campos ainda não indexados que seriam migrados para a nova base de dados.

Tendo superado as dificuldades apontadas, a planilha atual é fruto da experiência dos serviços técnicos do Museu do Índio na tentativa de atender às demandas feitas pelos usuários da base de dados. Tais demandas chegavam aos servidores e versavam sobre o conteúdo das informações veiculadas na base de dados e nas nomenclaturas utilizadas nos campos dos formulários, ou seja, os usuários solicitavam mais informações sobre a história da instituição, na formação das coleções, nomes étnicos das peças, nomenclatura dos nomes dos povos indígenas, entre outras. Também havia o problema da necessidade de novos campos na base

⁵ Informações consultadas no site http://base2.museudoindio.gov.br/phl82/pdf/manual_phl82.pdf Acesso em: 10 ago. 2015.

de dados, visto que os documentos que acompanhavam as coleções possuíam informações cujo formulário não apresentava campo para sua inserção.

Mediante as várias situações expostas, houve a necessidade de mudanças nos formulários e nas nomenclaturas dos campos, visando atender as demandas que haviam sido criadas, como exemplo, o modo de designar os índios: antes, pelo termo “etnia”, hoje (2015) por “povo”.

Diante das demandas apresentadas, os responsáveis pela indexação das informações museológicas na base de dados do Museu do Índio optaram por promover mudanças tanto nos termos utilizados quanto nos campos dos formulários. Concomitantemente, o Museu do Índio contratou a bibliotecária Dilza Motta para desenvolver, com base no “Dicionário de Artesanato Indígena” de autoria da museóloga Berta Ribeiro, o “Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil”, avançando na padronização das informações sobre os objetos museológicos, com o objetivo facilitar a recuperação da informação.

É importante ressaltar que no passado, os critérios do então Serviço de Museologia utilizados para documentar suas coleções eram as fichas catalográficas com resumos campos. A adoção de uma base de dados possibilitou ampliar o número de campos para inclusão de informações. Entretanto, o ganho mais expressivo foi suscitar reflexões sobre quais são as informações relevantes deveriam ser fornecidas aos usuários da base de dados, principalmente aos índios, público prioritário da instituição. É importante explicitar que esse processo ainda se encontra em curso no MI, visto que as demandas, principalmente dos povos indígenas, só crescem exigindo do corpo técnico constante avaliação das bases de dados, medida que é auxiliada por pesquisas e experiências trocadas com instituições que também utilizam o mesmo *software*. Na Figura 2, segue um exemplo de formulário do PHL original.

Figura 2 – Campos do formulário do PHL

Elementos de Identificação Geral	
Status do registro [090]	<input type="checkbox"/> Apresentar <input type="checkbox"/> Ocultar <input type="checkbox"/> Restrito à
Tipo de objeto [005]	<input type="text"/>
Nível bibliográfico [006]	<input type="text"/>
Quantidade de peças [027]	<input type="text"/>
Classificação: [003]	<input type="text"/>
Nível monográfico	
Índice de autores: [2]	<input type="text"/>

Autor da peça [016]	
Responsável pela guarda [017]	
Peça [018]	
Descrição do objeto [181]	
Dimensões da peça [038]	
Elementos da Imprensa	
Local de confecção [066]	
País [067]	
Criador / Fabricante [062]	
Data de confecção ou coleta [064]	
Data padronizada [065]	
Notas gerais [061]	
Descrição do conteúdo	
Função [086]	
Índice de Assuntos: [?]	
Palavras-chave [087]	
Resumo [083]	
Estado de conservação [094]	
Assunto (pessoa) [078]	

Assunto (geográfico) [082]	<input type="text"/>
	Informações Complementares
[040]	<input type="text"/>
Imagem do objeto [070]	<input type="text"/>
Observações [089]	<input type="text"/>
Nome da coleção [025]	<input type="text"/>
Povo [043]	<input type="text"/>
Categoria do objeto [092]	<input type="text"/>
Técnica de confecção [093]	<input type="text"/>
Materiais utilizados [095]	<input type="text"/>

Fonte: <<http://www.elysio.com.br/>>

Ao observar os 32 campos que compõem o formulário do PHL, expostos na Figura 2, e que está disponível na internet, percebeu-se que esta versão não seria suficiente para atender às necessidades para a catalogação da documentação museológica do Museu do Índio. Deste modo, a instituição realizou a criação de campos no formulário como está descrito no Quadro 1. Ao analisarmos o Manual do PHL, é constatado que no mesmo já estava previsto a habilitação de novos campos de dados. “O PHL permite que o bibliotecário habilite novos campos de dados, desabilite campos de dados indesejáveis e que crie novos formulários para novos tipos de documentos” (OLIVEIRA, 2009, p. 73).

A fim de aferir as mudanças realizadas nos campos do formulário original do PHL e do atual, tomando como base o utilizado pelo Serviço de Conservação, segue abaixo o quadro que aponta as mudanças promovidas. Dos 32 campos originais da versão consultada nesta

pesquisa, observou-se que alguns campos foram modificados e outros foram criados. O formulário final utilizado no MI possui 45 campos habilitados⁶.

Quadro 1 – Comparativo dos campos PHL original *versus* campos PHL Museu do Índio *versus* aferição das mudanças

	Campos de dados do formulário no PHL original	Campos de dados do formulário no PHL Museu do Índio	Descrição das mudanças
1	Tipo de Objeto [005] objeto de Museu	Tipo de Objeto [005] Objeto museológico	Diferença de termos /conceito – objeto de museu por objeto museológico
2	—	Tipo de suporte [022] Tipo de categoria [071] Tipo de coleção [026] Separata [009] Divulgar [029]	Campos extras criados pela equipe do Museu do Índio.
3	Classificação: [003]	Número do Objeto [003]	Diferença de termos / conceito – classificação por Número do Objeto
4	Autor da peça [016]	Índio [016]	Diferença de termos / conceito – Autor da peça por Índio
5	Peça [018]	Nome do Objeto [018]	Diferença de termos / conceito – Peça por Nome do Objeto
6	—	Terminologia étnica [019]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
7	Local de confecção[066]	Estado de origem do objeto [066]	Diferença de termos / conceito – Local de confecção por Estado de origem do objeto
8	Data de confecção ou coleta [064]	Ano de confecção ou coleta [064]	Diferença de termos / conceito – Data de confecção ou coleta por Ano de confecção ou coleta
9	Palavras Chaves [087]	Descritores [087]	Diferença de termos / conceito – Palavras Chaves por Descritores
10	—	Descritores secundários [088]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
11	Descrição do objeto [081] Resumo [083]	Descrição do objeto [083] —	Diferença de termos / conceito – apesar dos dois formulários terem o item Descrição do Objeto este estão com número diferentes. Este fato é importante pois cada campo tem um número associado. O formulário do Museu do Índio não tem o campo resumo.
12	—	Código HTML [084]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio. Este campo é bastante relevante, pois é o campo criado para serem inseridos diversas imagens da mesma peça. E não

⁶ Este formulário está disponível no site do Museu do índio, porém não estão disponíveis a todos os usuários todos os campos. Alguns campos aparecem apenas para os servidores da instituição. Disponível em: <<http://base2.museudoindio.gov.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

			apenas uma imagem como contempla o campo [70] presente nos dois formulários
13	—	Desde [074]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
14	—	Até [075]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
15	Assunto (pessoas) [078]	—	Este campo não foi utilizado pela Equipe do Museu do índio
16	Assunto (geográfico)[082]	Aldeia, Rio, Serra, etc. [082]	Diferença de termos / conceito – Assunto (geográfico) por Aldeia, Rio, Serra etc.
17	Nome da coleção [025]	Coleção/Doador [025]	Diferença de termos / conceito – Nome da coleção por Coleção / doador
18	—	Data de Entrada no Museu [042]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
19	—	Referência Bibliográfica [048]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
20	—	História Administrativa [081]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
21	Categoria do objeto [092]	Quantidade de Partes [092]	Diferença de termos / conceito – Categoria do objeto por quantidade de partes
22	Materiais utilizados [095]	Matéria Prima [095]	Diferença de termos / conceito – Materiais utilizados por Matéria prima
23	—	Código HTML [096]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
24	—	Instituição detentora [098]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio
25	—	Intervenções [099]	Campo extra criado pela equipe do Museu do Índio

Fonte: os autores

A partir do quadro apresentado é possível observar que uma série de intervenções foram realizadas na planilha original no PHL, visando adequá-las as necessidades informacionais tanto demandadas por usuários quanto pelos técnicos do Museu do Índio. Deste modo, os usuários tiveram uma interface mais amigável para obtenção de dados pesquisados.

5 RESULTADOS

A partir de uma breve análise do Quadro 1, é possível perceber que os técnicos do Museu do Índio criaram 13 novos campos de dados. Este número evidencia a reflexão que a equipe técnica do Museu do Índio realizou, buscando atender às especificidades dos seus acervos.

Outra observação, a partir da análise do Quadro I, é a diferença em 11 campos de

dados na mudança da definição de termos/conceitos. Por exemplo, no formulário original do PHL temos o campo “Tipo de Objeto [005] objeto de Museu” e no campo do Museu do Índio “Tipo de Objeto [005] Objeto museológico”, mesmo que sinônimos objeto de museu e objeto museológico, a opção pela palavra museológico deveu-se a ação praticada pelos museus sobre as coisas, ou seja, os museus pelo seu trabalho de aquisição, pesquisa, preservação e comunicação faz com que sejam ambientes de conversão de coisas em objetos.

Lima (2012, p. 32) aborda a importância da terminologia utilizada em um campo do conhecimento chamada de linguagem de especialidade ou de linguagem profissional, “modelo que reflete as questões teóricas e práticas por meio dos termos e conceitos (bens simbólicos de valor patrimonial/museológico), considerados próprios e outros apropriados para seu uso.”

O Quadro 1 auxilia a compreender que a terminologia usada nos campos do formulário do PHL original não corresponde à linguagem profissional e também não atende às necessidades terminológicas do Museu do Índio. Por esse motivo foi necessário promover as mudanças de seus termos e conceitos. Atualmente, o acervo etnográfico, além de sua exibição nas exposições, mostras itinerantes, empréstimos entre instituições, é exibido no *site* institucional. Portanto, devido a esta característica, a construção de uma base de dados consistente e com expressiva quantidade de informações foi indispensável, visto ser este ambiente um espaço mediador na divulgação de informações sobre o patrimônio cultural dos povos indígenas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar por meio da análise do Quadro I que o processo de customização dos formulários da base de dados do Museu do Índio foi um processo complexo que exigiu esforços de uma equipe multidisciplinar, que envolveu museólogos, bibliotecários, arquivistas e cientistas sociais. O processo pelo qual passou o Museu do Índio ainda está em curso, pois caberá aos servidores da instituição pesquisar as diferentes possibilidades de personalizar a planilha da base de dados, a fim de atender à demanda presente, ouvir os diferentes usuários com o objetivo de promover as adaptações necessárias, e, principalmente, ouvir a voz dos índios, buscando nestes a qualificação dos acervos institucionais. Esta medida, com certeza, ampliará os campos das bases de dados a fim de dimensioná-la para inclusão das memórias afetivas dos produtores dos objetos e das memórias imateriais oriundas das lendas e mitos que acompanham o fazer das peças. Ressalta-se ainda a importância do tesouro para o controle terminológico na adaptação da base de dados para uma recuperação precisa da informação.

Para que um museu apresente seu acervo *online* ampliando deste modo o acesso à informação, a documentação museológica deverá apresentar uma terminologia bem definida, atualizada e equivalente àquelas adotadas nas áreas de conhecimento que envolve o acervo institucional. Ou seja, adotar uma série de ações que envolvam a comunicação do objeto museológico para que o ambiente *web* se torne um espaço privilegiado por possibilitar o fornecimento de um maior número de dados/informações acerca de cada peça/objeto, situação, que devido às características, são limitadas nos ambientes de exibição.

Destarte, mais do que a ação dos técnicos do Museu do Índio na elaboração de novos instrumentos de pesquisas que facilitem a vida dos pesquisadores sobre a temática indígena, se faz necessário aprofundar a relação já estabelecida entre os servidores da instituição com os povos indígenas para que possa aumentar a qualidade das informações indexadas na base de dados do Museu e que também possa atender aos anseios crescentes por informações pelos maiores interessados pela disseminação das informações: os próprios povos indígenas.

REFERÊNCIAS

CIANCONI, Regina. Banco de Dados de acesso público. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 53-59, jan./jun. 1987.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: Estudos de Museologia. **Caderno de Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 2, p.65 -74, 1994.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena Santos. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Diana Farjalla Correia; COSTA, Igor. F. R. Ciência da informação e Museologia: estudo teórico de termos e conceitos em diferentes contextos - subsídio à linguagem documentária. In: CIFORM, 7.,2007, Salvador. **Anais...** Salvador: Instituto de Ciência da Informação, Escola Politécnica, UFBA 2007. Não paginado. 1 CD.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan./abr. 2012.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. **Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2015.

MOTTA, Dilza. Fonseca. da. **Tesouro de cultura material dos índios no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2006.

OLIVEIRA, Elysio Mira Soares de. **Manual do PHL 8.2**. Gurupi: InfoArte, 2009. Disponível em: <http://base2.museudoindio.gov.br/phl82/pdf/manual_phl82.pdf>. Acesso em: 10 de ago. 2015.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **Dicionário do artesanato indígena**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Ed. da USP, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **A política indigenista brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola, 1962.

ROWLEY, Jennifer. **Informática para biblioteca**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1994.

SOUZA, Rosali Fernandez. **Thesaurus como linguagem de representação da informação**. Documentação em Museus, v.10, n.1, p.115-125, 2008. Disponível em: <http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_10.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2013.